

# CONTRIBUIÇÃO DO PORTUGUÊS PARA A CONSTITUIÇÃO LEXICAL DO HUNSRÜCKISCH EM SITUAÇÃO DE CONTATO LINGUÍSTICO

*Karen Pupp Spinassé<sup>1</sup>*

## ABSTRACT

This article discusses the linguistic contact between *Hunsrückisch* and Portuguese that exists predominantly in Southern Brazil, pointing out some influences of the majority language, Portuguese, on the German-based minority language, *Hunsrückisch*. Focusing on lexical loans, we aim to show how the contact situation influenced the corpus and the status of *Hunsrückisch* - however, noting that not everything in the linguistic system of this variety is influenced by Portuguese. The study of borrowings in this variety is important, given the role of *Hunsrückisch* as a bridge language for Brazilian learners of standard German, and gives the former a practical utility, creating a place for contrastive studies that it formerly has not had in this context.

**Keywords:** Hunsrückisch; loan words; language contact.

## RESUMO

O presente artigo aborda o contato linguístico Hunsrückisch-português, existente

---

<sup>1</sup> Universidade Federal do Rio Grande do Sul; Instituto Histórico de São Leopoldo. E-mail: spinasse@ufrgs.br

predominantemente no Sul do Brasil, apontando algumas influências da língua majoritária, o português, na língua minoritária de imigração de base alemã, Hunsrückisch. Com foco em empréstimos lexicais, visamos mostrar como a situação de contato influenciou o *corpus* e o *status* do Hunsrückisch – no entanto, fazendo a ressalva de que nem tudo no sistema linguístico desta variedade é influência do português. O estudo de empréstimos nessa variedade é importante, pois o Hunsrückisch pode se constituir como língua-ponte para o aprendizado do alemão *standard*, atribuindo a ele uma utilidade prática e abrindo para ele e aos estudos contrastivos um espaço dentro do âmbito escolar, onde, até então, eles não tinham lugar.

**Palavras-chave:** Hunsrückisch; empréstimo lexical; línguas em contato.

## Introdução

O Hunsrückisch é uma língua brasileira de imigração, falada em muitas localidades do Brasil – principalmente nos estados do Sul, mas também em regiões do Sudeste e do Centro-Oeste do país. Pelo seu corpus e por sua origem, pode-se dizer que o Hunsrückisch (ou hunsriqueano, em português<sup>2</sup>) pertence à família das línguas germânicas, tendo se originado basicamente de dois dialetos<sup>3</sup> alemães, o francônio-renano e o francônio-moselano, valendo-se, contudo, para a sua constituição, também de empréstimos de outros dialetos alemães e de outras línguas com as quais esteve em contato ao longo de sua história (cf. ALTENHOFEN, 1996, p. 27).

Estes empréstimos, em especial os provenientes do português, entretanto, marcaram o Hunsrückisch de forma bastante decisiva, pois são reconhecidos, em sua maioria, tanto por parte dos falantes quanto por parte da sociedade ao redor, como sinais de empobrecimento da variedade ao longo dos anos (cf. ALTENHOFEN, 2004, 91; PUPP SPINASSÉ, 2011). Influenciado também por uma forte política discriminatória durante o processo de nacionalização no governo Getúlio Vargas e

2 Apesar de o artigo estar escrito em língua portuguesa, privilegio o uso da denominação em língua alemã em detrimento da em língua portuguesa, por ser a forma como a língua é conhecida pelos seus falantes.

3 Embora concordemos que os termos “língua” e “dialeto” sejam ambas denominações que se aplicam a um repertório de fala humano, usamos, neste artigo, o termo “dialeto” (ou ainda “variedade dialetal”) especificamente quando tratamos de variedades que possuem uma língua-teto à qual são subordinadas, enquanto os termos “língua” ou apenas “variedade” são utilizados, indiscriminadamente, quando não há – ou não há mais – língua-teto e os sistemas são considerados (social e politicamente) independentes (cf. Haugen, 1966).

durante o período da Segunda Guerra Mundial, quando línguas de imigração foram marginalizadas e proibidas (vide PUPP SPINASSÉ, 2008, p. 133), o Hunsrückisch acabou ganhando um status de “língua menor”, sendo os empréstimos do português, em especial os lexicais, um grande argumento para tal: o Hunsrückisch não seria uma boa variedade para se falar, pois seria um alemão “ruim”, “errado”, “corrompido” pelo português; uma “mistura” (cf. ZIEGLER, 1996, p. 73).

Este artigo pretende abordar alguns exemplos de empréstimos do português presentes no Hunsrückisch, a fim de ilustrar um pouco da contribuição que aquela língua majoritária deu para a constituição desta língua minoritária de imigração através da situação de contato linguístico na qual se encontravam/encontram. O objetivo, no entanto, não é fazer uma análise linguística desses empréstimos<sup>4</sup>, mas sim apontar para a sua diversidade e, acima de tudo, mostrar que os empréstimos fizeram/fazem parte do processo de desenvolvimento da língua. A partir de itens lexicais, pretendemos mostrar a dinâmica da formação das palavras no Hunsrückisch e suas, quando possível, motivações.

A fim, contudo, de contribuir para o fortalecimento da língua minoritária em questão e de combater o preconceito linguístico que a cerca, achamos importante, ao abordar os empréstimos, também abordar o que não é empréstimo para mostrar que o Hunsrückisch não pode ser reduzido apenas a uma mistura. Esse tipo de estudo é relevante, devido à função de língua-ponte que o Hunsrückisch pode assumir quando do aprendizado do alemão *standard*.

## 1. Caracterizando o Hunsrückisch e seus contatos linguísticos

Imigrantes de língua alemã começaram a chegar ao Brasil no início do século XIX, em sua maioria em busca de melhores condições de vida (cf. NEUMANN, 2000, p. 13-20). Esses imigrantes vinham de diferentes regiões do que hoje denominamos Alemanha, Áustria, Suíça, Polônia, República Tcheca e até mesmo Rússia. Assim, as diferentes línguas desses diferentes grupos étnicos também foram introduzidas no Brasil – algumas mantendo-se mais isoladas, devido à topografia do assentamento de seus grupos, outras sendo colocadas em contato entre elas pela proximidade geográfica de seus falantes.

Temos no Brasil hoje, segundo Altenhofen (2013, p. 106) 13 línguas de imigração de origem

---

4 Uma análise fonético-fonológica minuciosa do Hunsrückisch está disponível em Altenhofen (1996); exemplos da gramática do Hunsrückisch bem como alguns dados lexicais podem ser encontrados em Ziegler (1996).

alemã<sup>5</sup>: uma variedade de alemão *standard* (*Hochdeutsch*), o *austriaco ou tirolês* (*Österreichisch*), o bávaro (*Bairisch*), o boêmio (*Böhmisch*), o bucovino (*Bukowinisch*), o hunsriqueano (*Hunsrückisch*), o *Kaffeeflickersch*<sup>6</sup>, o *Platt* menonita (*Plautdietsch*), o pomerano (*Pommerisch*), o suábico (*Schwäbisch*), o suíço (*Schweizerisch*), o vestfaliano ou sapato-de-pau (*Westfälisch*) e o *Wolgadeutsch*<sup>7</sup>. O *Hunsrückisch* é provavelmente a mais falada dentre essas variedades, pois ela se configura como uma variedade suprarregional (ALTENHOFEN, 1996, p. 27), enquanto as outras, geralmente, são restritas a determinadas localidades.<sup>8</sup>

A grande propagação do *Hunsrückisch* acontece, porque a maioria dos imigrantes de língua alemã no período auge da imigração de massa realmente veio da região do *Hunsrück*, um território localizado entre os rios Reno e Mosela, sendo a linha divisória entre os dialetos francônio-renano e francônio-moselano. Como língua da maioria, portanto, essa variedade acabou se impondo sobre as outras (vide ZIEGLER, 1996, p. 45; PUPP SPINASSÉ, 2008, p. 129). Além disso, o *Hunsrückisch*, em relação a outros dialetos alemães, é tipologicamente mais próximo do alemão considerado padrão, e acabava sendo adotado, em situações de contato linguístico, também por falantes de outras variedades – por exemplo, em colônias próximas ou quando pessoas de outra variedade eram inseridas na família através do casamento. O *Hunsrückisch* assumiu um papel de “língua franca”, passando, portanto, por um processo de coineização, sendo hoje uma variedade bastante difundida, que mantém sua base francônio-renana/francônio-moselana, mas que carrega em si traços de outras variedades dialetais.

Embora o *Hunsrückisch* tenha um papel fundamental na topografia dos imigrantes de língua

---

5 Apesar dessa denominação, é importante salientar que não havia ainda uma unidade alemã, ou seja, não havia ainda a Alemanha quando do início da imigração de língua alemã para o Brasil. Por isso, falar em línguas de base alemã é sabidamente um tanto contraditório, e remete ao que conhecemos hoje como Alemanha, mas também a outras regiões que estão para além de Alemanha, Áustria e Suíça, como já mencionado no parágrafo anterior.

6 O *Kaffeeflickersch* é, traduzindo, a “língua do catador de café”, e essa denominação remete ao fato de os imigrantes terem trabalhado por um período em lavouras de café em Minas Gerais antes de se assentarem na localidade onde essa variedade é falada até hoje, São Pedro de Alcântara, SC (ALTENHOFEN, 2016, p. 117).

7 “Alemão do Volga” é uma referência à variedade falada pelos descendentes de “alemães” (lê-se bávaros, badenses, hessianos, palatinos e renanos) que se estabeleceram na Rússia, às margens do Rio Volga, no século XVIII, durante o reinado de Catarina II (vide <https://www.bpb.de/gesellschaft/migration/dossier-migration/56417/russlanddeutsche?p=all> – último acesso em 04 de janeiro de 2018).

8 O pomerano, por exemplo, também é uma língua com grande abrangência, já que é falada tanto em localidades do Rio Grande do Sul quanto do Espírito Santo, ou seja, em regiões diferentes. Contudo, nas diferentes regiões, a variedade parece restrita às localidades de colonização originais.

alemã e seus descendentes no Brasil, como já mencionado, ele hoje possui um *status* negativo. De modo geral, o Hunsrückisch é encarado, tendo-se o atual alemão *standard* (doravante HD<sup>9</sup>) como parâmetro. Com isso, as pessoas tendem a fazer comparações e a apontar, com demérito, os “desvios” que o Hunsrückisch apresenta em relação àquela variedade. Além de, em alguns aspectos, haver realmente muitas divergências entre essa língua brasileira de imigração e o alemão *standard*, um fator decisivo é a grande presença de empréstimos do português no Hunsrückisch – estes predominantemente no âmbito lexical, mas também, em menor escala, nos âmbitos fonológico, morfológico e sintático. Isso faz com a língua sofra de desprestígio, como se não fosse um sistema linguístico legítimo, como aponta a seguinte passagem retirada do documentário “Walachai”, de Rejane Zilles:

*A gente fala tudo misturado. Quando alemães vieram aqui, a gente só dizia ‘Eu não sei’, ‘Eu não sei’. Alemão é alemão, não português! Eles não entendem nada do que a gente diz. O que a gente fala não é nem alemão nem brasileiro. É nada. É um alemão ruim. Faltou escola!*<sup>10</sup>

Desde o início da imigração de língua alemã para o Brasil, houve uma preocupação entre os imigrantes em fornecer educação para os seus filhos. Como as colônias eram predominantemente rurais e, conseqüentemente, afastadas dos grandes centros e de suas escolas, os imigrantes frequentemente optavam por construir uma escola comunitária no centro da “picada”<sup>11</sup>, onde geralmente também se encontravam a igreja e o clube (cf. KREUTZ, 1991, p. 56; RAMBO, 1994, p. 21). Com essa configuração, tradicionalmente se ensinava o HD nas escolas, o qual, na relação diglósica estabelecida, era a língua-padrão das colônias, sendo usada como a língua mais formal. Em situações informais, por sua vez, como no uso domiciliar, os dialetos prevaleciam.

Com a Campanha de Nacionalização durante o governo Getúlio Vargas e a Política de Nacionalização do Ensino, a partir de 1938, o ensino do HD nas escolas foi proibido (vide NEUMANN, 2000, p. 107; KREUTZ, 1991, p. 152-157). Essa variedade passou a ter um papel menos importante

## 9 Do alemão *Hochdeutsch*

10 Essa fala aparece no filme supracitado de Rejane Zilles e foi traduzida aqui (por nós) livremente do Hunsrückisch. No filme, são entrevistadas algumas pessoas do povoado de Walachai, município de Morro Reuter (RS), o qual foi colonizado por imigrantes de língua alemã, e seu cotidiano é retratado. Além de português, no filme também se fala Hunsrückisch, e muitas afirmações metalinguísticas sobre a língua de imigração e muitas impressões sobre a identidade “teuto-brasileira” dessas pessoas podem ser encontradas (para mais informações a respeito do documentário vide <<https://walachai.wordpress.com/>> – último acesso em 17 de dezembro de 2017).

11 “Picada” (ou “Linha”) é usado para designar uma faixa estreita e não muito larga, livre de árvores e outros obstáculos, aberta no meio da mata. Nas colônias, as “picadas” são como as “ruas”, às margens das quais ficam as propriedades rurais dos colonos (cf. RAMBO, 1994, p. 21).

nas colônias, que passaram a utilizar mais o português como a variedade mais formal, enquanto as variedades locais, como língua de herança da família, ganhavam mais espaço (ALTENHOFEN, 2004, p.84). Com menos contato com a variedade *standard*, o Hunsrückisch se desenvolveu de forma independente, como uma variedade sem língua-teto (ALTENHOFEN, 1996, p. 71), ainda mais aberta a empréstimos. Esse processo de mudança linguística, contudo, não é encarado de forma natural por seus falantes, que veem, como observado na passagem acima, a sua variedade como uma forma “quebrada” do alemão *standard*, que aparentemente deveria estar ainda presente nas colônias.

Além disso, devido à diglossia com o português, o Hunsrückisch é caracterizado como uma língua minoritária frente à língua oficial do país. Como existe, no Brasil, uma tradição de se pregar o monolinguismo da língua majoritária como o correto, o apagamento das línguas minoritárias as deixa em situação marginal, sujeitas a lingüicismo<sup>12</sup>. Isso contribui para o status negativo das mesmas – que não é diferente com o Hunsrückisch.

Trabalhamos, em nosso grupo de pesquisa, com a situação dos falantes de Hunsrückisch no contexto escolar ao iniciarem o aprendizado formal do alemão *standard*. A fim de trabalhar a atitude linguística em relação à variedade de imigração, desconstruindo o tabu e o estigma que existem ao seu redor, e prezando por uma didática do multilinguismo que sensibilize o aluno para a diversidade linguística, trabalhamos, no âmbito do projeto, com atividades de conscientização linguística em escolas de localidades de colonização de língua alemã. O objetivo é legitimar o Hunsrückisch como possível língua-ponte para o aprendizado do HD, atribuindo a ele uma utilidade prática e abrindo para ele um espaço dentro do âmbito escolar, onde, até então, ele não era bem-vindo. Como a base do trabalho didático de conscientização linguística é a comparação e a contrastividade, os empréstimos do português são um rico material para se discutir o processo de desenvolvimento do Hunsrückisch e seu estado atual.

Assim, acreditamos que, se os processos de empréstimo linguístico do Hunsrückisch forem trabalhados com os alunos, seu estado atual, suas características e peculiaridades, bem como todo o

---

12 “Lingüicismo” é um termo cunhado por Skutnabb-Kangas (1988), formado a partir do vocábulo “língua” em analogia com formas negativas do sufixo “-ismo” (como em “racismo”, “sexismo” e “classismo”), para fazer menção ao ato de preconceito para com uma língua: “Ideologies, structures, and practices used to legitimate, effectuate, regulate, and reproduce an unequal division of power and resources between groups defined on the basis of language” (SKUTNABB-KANGAS, 1988, p. 13). Para mais sobre o assunto e também sobre o termo correlato “lingüicídio” (genocídio linguístico), ver também Phillipson e Skutnabb-Kangas, 2013, p. 312-313.

seu histórico podem ser compreendidos e a variedade pode ser vista como uma língua independente – substituindo a crença de que toda e qualquer diferença em relação à variedade padrão alemã seja uma “mistureba” aleatória com o português. Essa é a conscientização que desenvolvemos, no âmbito do projeto, com professores e alunos de alemão falantes de Hunsrückisch.<sup>13</sup> Para tanto, o trabalho com os empréstimos é fundamental.

## 2. A questão dos empréstimos

Empréstimos lexicais são um fenômeno muito comum em línguas vivas, pois elas se adaptam a novas situações utilizando-se de todas as ferramentas possíveis – e os empréstimos são uma ferramenta que está à disposição de línguas em contato. No entanto, como já mencionamos, os empréstimos do português no Hunsrückisch não são bem vistos, pois são considerados uma corrupção da língua de origem.

Como o Hunsrückisch se desenvolveu, em solo brasileiro, de forma independente de sua língua-teto original, é importante frisar que ele se difere do atual alemão *standard* em vários aspectos. Contudo, essas diferenças não provêm exclusivamente de empréstimos. Algumas divergências são inclusive históricas, ou seja, são formas que estavam nos dialetos originais e foram mantidos, enquanto no HD houve mudança. De forma geral, porém, no senso-comum, qualquer diferença que o Hunsrückisch apresente em relação à variedade *standard* alemã é automaticamente considerada transferência negativa do português. Os processos linguísticos pelos quais a língua passou, suas regras internas e a sua sistemática fonético-fonológica, sintática e morfológica não são levadas em consideração – e a língua é reduzida a “mistura”, a um alemão errado.

Um exemplo emblemático, que costumamos utilizar para ilustrar isso, é a frase “*De Man hat de Mula mit de Relhe dorich de Banhado in das Potrea getockt*”<sup>14</sup>, considerada uma frase “típica” do Hunsrückisch, embora se tenha conhecimento de que não fora coletada em pesquisa de campo; ela teria

---

13 Para mais informações sobre objetivo e metodologia do projeto vide PUPP SPINASSÉ 2016a; PUPP SPINASSÉ e KÄFER 2017.

14 Vide Ziegler, 1996, p. 73. Passando para o alemão *standard*, a frase ficaria “*Der Mann hat das Maultier mit der Peitsche durch den Sumpf auf die Weide getrieben*” e significa, em português, “O homem tocou a mula com um relho através do banhado até o potreiro”. Como se pode notar, alguns vocábulos do português ou provenientes do português estão presentes na frase em Hunsrückisch, substituindo vocábulos alemães: “mula” aparece no lugar de *Maultier*; *Relhe* (“relho”) no lugar de *Peitsche*; “banhado” no lugar de *Sumpf*; *Potrea* (“potreiro”) substituindo *Weide*; e o verbo *tocke* (“tocar”) no lugar de *treiben*.

sido criada, com a intenção de se apontar os tantos empréstimos nela contidos. Geralmente, a frase desperta risos em quem a ouve, pois explora o aspecto de “mistura” que os empréstimos podem deixar. Contudo, a sintaxe da oração, que mantém a estrutura da língua alemã e aponta para regularidades peculiares ao Hunsrückisch, é completamente ignorada – bem como aspectos morfológicos bastante interessantes. Fenômenos como “*getockt*”, por exemplo, um particípio composto por um verbo do português (‘tocar’) com uma flexão comum para o particípio regular do alemão, raramente eram tematizados.

Como já afirmamos, muitos elementos do Hunsrückisch remetem à sua matriz, como no caso de *dorich* da frase acima, forma arcaica para a preposição *durch* do HD, a qual já é utilizada há mais de dois séculos no dialeto francônio (assim como *hinnich* e *unnich*, respectivamente *hinter* (atrás) e *unter* (debaixo) no alemão *standard*. Da mesma forma, também a pronúncia [‘fenstɐ’lɔ:də] ao invés de [‘fenstɐ’la:dən] para a correspondente alemã *Fensterladen* (Pt. veneziana) ou a pronúncia [‘nɔxel] ao invés de [‘nagel] para a palavra alemã *Nagel* (Pt. agulha) não são formas erradas, engraçadas ou inventadas aleatoriamente, tampouco influência do português, mas sim reminiscências da variedade matriz e exemplos da sistematicidade da língua – pois todos os <a> curtos (â) do médio-alto-alemão, os quais se alongaram no novo-alto-alemão (HD) para [a:] (ā), aparecem sistematicamente abaixados e alongados no Hunsrückisch na forma do [ɔ:], assim como tudo aquilo que for <g> intervocálico no alemão-padrão vai ser sistematicamente pronunciado como [x] no Hunsrückisch.<sup>15</sup>

Muitos fenômenos linguísticos do Hunsrückisch também são encontrados nos dialetos francônios atuais, bem como em outros dialetos alemães, e sua origem remete, na maioria das vezes, a períodos anteriores à época das imigrações. No entanto, como isso é ignorado pela maioria dos falantes e da sociedade como um todo, muitos aspectos do Hunsrückisch que representam heranças diretas dos dialetos de origem ou fenômenos próprios da língua alemã, não são reconhecidos como tal. Tidos como erros (já que sempre o compararam ao alemão *standard* e não a outras variedades dialetais) ou interferências do português, eles são utilizados muitas vezes para se fazer piada ou para desmerecer a língua.

No Hunsrückisch costumam-se fazer construções de gerúndio usando o verbo *tun* (‘fazer’) do alemão ligado a um verbo no infinitivo, ou ainda o verbo alemão *sein* (‘ser’, ‘estar’) com a preposição *an* e um verbo no infinitivo: *Er tut bode* ou *Er ist am bode* significa “Ele está tomando banho”. Essas

---

15 Como já dito anteriormente, Altenhofen (1996) oferece uma minuciosa descrição fonético-fonológica do Hunsrückisch, por isso não focaremos nesse aspecto.

estruturas não são consideradas formas padrão na língua alemã *standard*, a qual praticamente não possui uma estrutura para gerúndio. Como o português brasileiro faz muito uso das formas gerundivas, tende-se a achar que essas formas não-*standard* presentes no Hunsrückisch sejam uma influência do português. Contudo, essa estrutura está presente em vários dialetos alemães, sendo, assim, uma forma ligeiramente comum de se ouvir na Alemanha.

Outro exemplo da gramática é a forma de expressar posse através de uma locução dentre um nome ou pronome pessoal com o pronome possessivo *sein* (3ª pessoa singular masc.) no lugar do caso genitivo, como nas frases **Die Celina sein Papa hat das Haus gebaut** (HD: *Celinas Papa hat das Haus gebaut*; Pt.: “O pai da Celina construiu a casa”) e **Sie mag den Edgar, aver sie hat dem sein Bruder nett ingelade** (HD: *Sie mag den Edgar, aber sie hat dessen Bruder nicht eingeladen*; Pt.: “Ela gosta do Edgar, mas ela não convidou o irmão dele”). Essas estruturas também são encontradas em dialetos alemães atuais e, portanto, não representam um fenômeno exclusivo do Hunsrückisch<sup>16</sup> – e menos ainda uma interferência do português.

### 3. O léxico do Hunsrückisch

Como acabamos de ver, o desenvolvimento do Hunsrückisch não remete apenas a empréstimos da língua portuguesa, sendo muito mais diversificado, embora a literatura tradicional (vide SCHAPPELLE, 1917; WILLEMS, 1980) tenha costumado focar apenas no que provém do português, não problematizando ou diferenciando estes itens daqueles que remetem à matriz. Entretanto, a contribuição do português para a configuração atual do Hunsrückisch é inegável – e o léxico da língua minoritária é um exemplo disso. Como mostrado em Pupp Spinassé (2013) e Pupp Spinassé (2016b), podemos reconhecer, com base na sua tipologia, sete diferentes categorias ao analisarmos itens lexicais do Hunsrückisch; três dessas sete categorias são compostas apenas por empréstimos diretos do português, mas a influência da língua majoritária também pode ser percebida indiretamente em outras categorias.

É importante salientar que o critério para a classificação das categorias foi a tipologia dos empréstimos. Com o intuito de trabalhar cognatos, falsos cognatos e empréstimos com alunos (crianças e adolescentes) aprendizes de HD falantes de Hunsrückisch, percebemos que apenas essas três classificações não dão conta da diversidade da formação do léxico da língua minoritária, havendo subdivisões internas. A partir dessa reflexão, propusemos a divisão nas sete categorias que se seguem.

---

16 Cf. Ziegler (1996, p. 52)

Existe um vasto número de vocábulos que são idênticos no alemão *standard* e no Hunsrückisch, mostrando que a presença da origem alemã no léxico do Hunsrückisch ainda é muito grande. Esses itens constituem a primeira categoria, que conta tanto com palavras idênticas (Hr. *Stuhl* = HD *Stuhl* – Pt. “cadeira”) quanto com cognatos que tenham sofrido alguma variação em uma das duas variedades (Hr. *Winder* = HD *Winter* – Pt. “inverno”) e também inclui itens considerados antiquados/em desuso hoje em dia no HD, mas que fizeram parte do *corpus* do alemão *standard* outrora (como Hr. *Gaul* = HD *Pferd* – Pt. “Cavalo”).

Alguns itens lexicais do Hunsrückisch são falsos cognatos, se comparados ao alemão-padrão, sendo usados na língua minoritária com um significado diferente daquele usado no alemão *standard*, tanto como uma expansão lexical com o intuito de dar conta de um novo uso quanto como a caracterização de um tipo específico de determinada coisa. Esses itens compõem a segunda categoria, e um exemplo é a palavra *Kuche*, que no HD significa “bolo” (*Kuchen*), mas que no Hunsrückisch significa apenas um tipo de bolo, o *Streuselkuchen*.<sup>17</sup> Outro exemplo é o item *Spatz*, que no HD é a denominação para o pássaro pardal e em Hunsrückisch é utilizado como um eufemismo para o pênis.

A terceira categoria contém cognatos do alemão *standard*, que, contudo, são usados no Hunsrückisch com um gênero diferente do vocábulo de origem, como *Bach* (no Hr. é feminino e no HD é masculino) e *Mund* (no Hr. é neutro e no HD é masculino). O fato de *Bach* (córrego) ser feminino e de *Mund* (boca) ser neutro no Hunsrückisch não pode ser explicado, respectivamente, como uma possível influência do português, já que córrego é masculino em português e o gênero neutro nem existe nesta língua.

A quarta categoria é composta por neologismos, criados pelos falantes de Hunsrückisch no Brasil para dar conta de nomear objetos novos ou até então desconhecidos. Para esses neologismos da quarta categoria, em sua maioria palavras-compostas, foi utilizada apenas a língua alemã como base para a formação de palavras como *Affebeer* (Literalmente: “Fruta do Macaco”; Pt. “Araticum”; HD: *Zimtapfel*) – mesmo que a motivação para a construção tenha vindo de influência da língua portuguesa, como em *Baumpikat* (Literalmente: “Pica-Árvore”; Pt. “Pica-pau”; HD: *Specht*).

Como pudemos ver até agora, o *corpus* do Hunsrückisch carrega muitas semelhanças com o alemão *standard*, não tendo descaracterizado sua origem germânica. Como qualquer outra língua em

17 O item *Kuche*, inclusive, é um exemplo de empréstimo do alemão para o português falado no Sul do Brasil (“cuca”), assim como *Schmier* (“chimia”), mostrando a via de mão dupla dos empréstimos em uma situação de contato linguístico.

contato, porém, o Hunsrückisch vai apresentar empréstimos, os quais aparecem também em grande número. Vindos predominantemente do português, eles têm marcado muito o Hunsrückisch ao longo dos anos e podem ser identificados nas categorias cinco, seis e sete.

A categoria cinco apresenta empréstimos do português que foram adaptados foneticamente e integrados ao léxico do Hunsrückisch. A cobra “Jararaca” é denominada no Hunsrückisch como *Scharack* [ʃaʁak], mantendo a característica substituição do [ʒ], raríssimo no alemão, por [ʃ], e fazendo uso de redução. Também a área utilizada para o gado pastar, o potreiro, é denominada em Hunsrückisch como *Potrea*, como pudemos ver na frase estilizada apresentada acima.<sup>18</sup> Devido à adaptação fonética quando admitido no Hunsrückisch, essas palavras soam como se não fossem provenientes do português, podendo deixar os próprios falantes na dúvida de sua origem.

Outro exemplo de empréstimo desse grupo é a palavra *Tos* [ˈto:s] do Hunsrückisch, a qual provém do item lexical “doce” [ˈdosi] do português e significa biscoito. No alemão *standard*, as denominações para biscoito são *Gebäck*, *Keks* ou *Plätzchen*.

Os itens lexicais da sexta categoria representam vocábulos que foram emprestados do português, embora, em parte, não “houvesse necessidade” para tal<sup>19</sup>, uma vez que se tratava de palavras não só existentes, mas muito utilizadas na língua de chegada, e para as quais não houve ou houve pouca mudança semântica no uso. Eles foram emprestados do português tal qual, ou seja, são utilizados como estrangeirismos no Hunsrückisch.

Os exemplos mais claros para esse grupo são os nomes de parentesco, como “mãe”, “pai”, “tio(a)”, “primo(a)”, “cunhado(a)” etc. Embora algumas formas do alemão *standard* fossem usadas

---

18 Como pudemos ver na frase “*De Man hat de Mula mit de Relhe dorich de Banhado in das Potrea getockt*”, o item “*potreiro*” foi assimilado no Hunsrückisch com o gênero neutro, não seguindo nem a correspondente em português, nem a correspondente em alemão *standard*. É muito difícil recuperar a motivação para tal mudança, pois não são possíveis previsões. Em um caso como “*die Unterricht*” (do HD “*der Unterricht*”; Pt. “*a aula*”), da categoria 3, pode-se recuperar que na língua-matriz era usada a palavra latina “*Aula*”, cujo gênero é feminino, e este pode ter sido transferido. Contudo, na maioria dos casos, essas mudanças não são transparentes.

19 Deixamos essa parte entre aspas para mostrar que ela não deve ser levada ao pé da letra, já que não é nosso objetivo e tampouco nos cabe julgar a necessidade ou não de se adotarem novos itens lexicais em uma dada língua. Essa observação serve apenas para diferenciar esta sexta categoria da sétima, composta por nomes para os quais não havia uma forma anterior na língua alemã de origem. As motivações para se adotarem novas palavras em substituição a outras já existentes, contudo, podem ser as mais diversas, como desuso/falta de prática, simplificação ou mesmo questões afetivas.

pelos imigrantes na língua de chegada (*Mutter, Vater, Onkel...*), elas foram substituídas pelos itens do português. Não é possível explicar a motivação para esse uso e a literatura consegue trazer apenas especulações a respeito.

Outro exemplo para essa sexta categoria, que sai do âmbito das relações de parentesco, é a palavra “bolo”, que também fora emprestada tal como em português, embora existisse a palavra *Kuchen* para essa denominação na língua de chegada, mesmo item usado no alemão *standard*. *Kuchen*, porém, passou a denominar em Hunsrückisch apenas um tipo de bolo, o *Streuselkuchen*, como já visto na categoria 2, o que levou à necessidade de uma outra palavra para o conceito ‘bolo’.

Diferentemente das palavras apresentadas na categoria 6, as palavras do grupo 7 também foram emprestadas para o Hunsrückisch tal qual são usadas no português, mas com a motivação clara de denominar algo que era novo para esses imigrantes ou descendentes, para o que não tinham um conceito em alemão na época da imigração ou cujo conceito era desconhecido por parte dos imigrantes.

A televisão, por exemplo, foi inventada apenas no início do século XX, tornando-se um utensílio doméstico, paulatinamente, somente depois da Segunda Guerra. Os descendentes de imigrantes, que falavam uma variedade de alemão quando da introdução da TV no Brasil, não conheciam o conceito “*Fernseher*” e nem conseguiram achar outro conceito em alemão que desse conta de denominar esse novo objeto. Assim, para a denominação desse aparelho, foi emprestado o item lexical “televisão” do português.

O mesmo processo ocorreu com a palavra “Gaúcho”. Obviamente já existiam gaúchos na época da imigração, mas, para os imigrantes, eles eram uma nova categoria de pessoas a serem denominadas, e para a qual eles não tinham um conceito, já que estes não pertenciam ao contexto daqueles. Assim, o empréstimo do item “Gaúcho” foi, provavelmente, a solução mais óbvia para a questão.

Os exemplos apresentados nas categorias 5, 6 e 7 mostram a inegável influência lexical do português sobre o Hunsrückisch. Entretanto, como parte integrante do repertório lexical do Hunsrückisch, as palavras provenientes do português por empréstimo ficam sujeitas a todo o tipo de fenômeno linguístico característico da língua de imigração. Em Hunsrückisch, por exemplo, é comum e produtivo, assim como ocorre no alemão *standard*, se fazerem composições a partir de duas palavras justapostas. Para tanto, qualquer palavra do seu léxico pode ser utilizada, independente de sua origem. Assim sendo, é possível formar palavras compostas em Hunsrückisch com palavras

de origem alemã e com palavras de origem (emprestadas) do português – ou mesmo com ambas ao mesmo tempo. Isso leva a interessantes composições híbridas, que, a nosso ver, apontam para uma riqueza linguística inerente ao Hunsrückisch.

O vocábulo alemão *Mais* (Pt.: milho) não é usado no Hunsrückisch, sendo substituído pelo empréstimo *Milje* [miljə], foneticamente acomodado (categoria 5). Já a palavra correspondente a “farinha” no Hunsrückisch é a palavra *Mehl*, presente ainda hoje no léxico alemão. Assim, a consequente denominação para “farinha de milho” (HD: *Maismehl*) em Hunsrückisch é *Miljemehl*.

Com a supracitada palavra *Tos* (categoria 5) também é possível se criarem palavras híbridas, como *Puttertos* e *Weihnachtstos*, para se remeter, respectivamente, aos biscoitos amanteigados (*Butterkeks*) e aos biscoitinhos de Natal (*Weihnachtsplätzchen*), por exemplo.

Derivações híbridas também são fenômeno constante no Hunsrückisch, nas quais um item lexical do português incorporado à língua de imigração recebe um afixo alemão. O “cabloco” é chamado em Hunsrückisch de *Cabocler*, sendo acrescentado o sufixo -er, que denota “pessoa” (aqui, para o masculino). A correspondente feminina é a forma *Caboclin*, que faz uso do sufixo -in do feminino alemão – mesmo que suprimindo o -er de pessoa (em alemão standard seria esperada a forma “*Caboclerin*”, com -er + -in).

Também verbos emprestados do português recebem em Hunsrückisch desinências alemãs, sendo inteiramente conjugados como se fossem verbos alemães. Pudemos observar isso na supracitada frase estilizada através do verbo “tocar”, emprestado do português e adaptado para *tocke* no Hunsrückisch. Utilizado no tempo pretérito perfeito, ele segue a estrutura sintática alemã, combinando-se, na forma de particípio passado, com um verbo auxiliar. Assim como ocorre com verbos emprestados atualmente na Alemanha, por exemplo advindos do inglês, os verbos do português incorporados ao Hunsrückisch também seguem as regras dos verbos fracos (regulares), recebendo as desinências destes em todos os tempos verbais. Assim, o pretérito perfeito de *tocke* fica *hat getockt* (auxiliar *hat* e particípio passado formado a partir de *ge* + radical do verbo + *t*), comportando-se como um verbo alemão mesmo no que diz respeito ao posicionamento na frase.

Como o verbo *tocke* (Pt. “tocar”), também o verbo *pusche* (Pt. “puxar”; HD: *ziehen*) foi emprestado do português (categoria 5) e recebeu a desinência de infinitivo -e, equivalente ao -en do alemão (que por apócope da nasal passa, sistematicamente, a -e no Hunsrückisch). Com base nesses

empréstimos, também é possível formar verbos como *wechtocke* (HD: *wegtreiben*; Pt. “enxotar”) ou *rinnpusche* (HD: *reinziehen*; Pt. “puxar para dentro”), utilizando prefixos alemães.

Além da desinência -en, também a desinência -ieren é empregada para o infinitivo no Hunsrückisch, sendo esta bastante produtiva na atualidade. Uma gama de verbos com radicais portugueses é unida a essa desinência para formar novos verbos para o Hunsrückisch, como *sich preocupiere* (Pt. “preocupar-se”; HD: *sich Sorge machen*), *sich arrumiere* (Pt. “arrumar-se”; HD: *sich fertig machen*) ou o muito citado *namoriere* (Pt. “namorar”; HD: *mit jemandem zusammen sein, mit jemandem ausgehen*).

Outras flexões híbridas observadas foram *Gurie* (HD: *Jungen, Jungs*; Pt. “guris”, “meninos”), que é a junção da palavra “guri” do português gaúcho emprestada no Hunsrückisch (categoria 6) com a desinência alemã -e para designar plural, e *Neneche* (HD: *kleines Baby*; Pt. “bebezinho”), uma derivação do item “neném” originado do português com o sufixo de diminutivo alemão -chen (já sob ação da típica apócope do -n para esses casos).

## Conclusão

O contato linguístico com o português influenciou diretamente o desenvolvimento do Hunsrückisch no Brasil, contribuindo de forma muito rica e intensa, por exemplo, para a composição do léxico hunsriqueano. Contudo, apesar disso, o Hunsrückisch não pode ser reduzido apenas a uma mistura, como muitas pessoas afirmam. O *corpus* do Hunsrückisch é de fato bastante influenciado pelos empréstimos do português, mas a forte presença de elementos alemães no léxico, na morfologia, na fonologia e na sintaxe é inegável. Os empréstimos do português não são a única característica do Hunsrückisch, que, como qualquer sistema linguístico, apresenta estrutura gramatical própria, sistematicidades, regras etc. – ao lado dos empréstimos e dos estrangeirismos, os quais são motivados por diferentes razões, nem sempre passíveis de explicação.

Nosso objetivo com esse artigo era o de apresentar esses aspectos relativos ao Hunsrückisch para mostrar que esses fenômenos que o caracterizam são fenômenos naturais a línguas vivas e que essa variedade em questão é um bom exemplo de integração e contato linguístico.

## REFERÊNCIAS

Altenhofen, C. V. (1996). *Hunsrückisch in Rio Grande do Sul: ein Beitrag zur Beschreibung einer deutschbrasilianischen Dialektvarietät im Kontakt mit dem Portugiesischen*. Stuttgart: Steiner.

Altenhofen, C. V. (2004). Política lingüística, mitos e concepções lingüísticas em áreas bilíngües de imigrantes (alemães) no Sul do Brasil. *Revista Internacional de Lingüística Iberoamericana*, vol. 2, n. 1, 83-93.

Altenhofen, C. V. (2013). Bases para uma política linguística das línguas minoritárias no Brasil. In: Nicolaides, C. et al. (Org.): *Política e políticas linguísticas*. Campinas: Pontes, 93-116.

Altenhofen, C. V. (2016). Standard und Substandard bei den Hunsrückern in Brasilien: Variation und Dachsprachenwechsel des Deutschen im Kontakt mit dem Portugiesischen. In: Lenz, A. (Org.): *German abroad: Perspektiven der Variationslinguistik, Sprachkontakt- und Mehrsprachigkeitsforschung*. Viena: Vienna University Press bei V&R Unipress, 103-129.

Haugen, E. I. (1966). Dialect, Language, Nation. *American Anthropologist*, v. 68, n. 4, 922-935.

Kreutz, L. (1991). *O Professor Paroquial: magistério e imigração alemã*. Porto Alegre: Editora da UFRGS; Florianópolis: Editora da UFSC; Caxias do Sul: EDUCS.

Meyer, M. (2009) *Deitsch ou Deutsch? Macroanálise pluridimensional da variação do hunsrückisch riograndense em contato com o português* (Trabalho de Conclusão). Porto Alegre: UFRGS.

Neumann, G. R. (2000). *A ‚Muttersprache‘ (língua materna) na obra de Wilhelm Rotermund e Balduino Rambo e a construção de uma identidade cultural híbrida no Brasil* (Dissertação de Mestrado). Rio de Janeiro: Faculdade de Letras da UFRJ.

Phillipson, R.; Skutnabb-Kangas, T. (2013). English, language dominance and ecolinguistic diversity maintenance. In: Filppula, M.; Klemola, J.; Sharma, D. (Org.): *The Oxford Handbook of World Englishes*. Oxford: Oxford University Press, 312-332.

Pupp Spinassé, K. (2008). Os imigrantes alemães e seus descendentes no Brasil: a língua como fator identitário e inclusivo. *Conexão Letras*, v. 3, n. 3, 125-140.

Pupp Spinassé, K. (2011). O Ensino de línguas em contextos multilíngues. In: Mello, H.; Altenhofen, C. V.; Raso, T. (Org.): *Os Contatos linguísticos no Brasil*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 423-443.

Pupp Spinassé, K. (2013). O Aspecto lexical na língua dos imigrantes alemães no Brasil. In: Witt, Marcos et al. (Org.): *História da imigração: possibilidades e escrita*. São Leopoldo: Oikos, 334-354.

Pupp Spinassé, K. (2016a). Fazendo política linguística em sala de aula: ações didático-pedagógicas pela manutenção da língua minoritária Hunsrückisch. *Revista Virtual de Estudos da Linguagem - ReVEL*, v. 14, n. 26, 103-119.

Pupp Spinassé, K. (2016b). Das brasilianische Hunsrückische: Soziolinguistische Aspekte einer durch Sprachkontakt geprägten Minderheitensprache. In: Lenz, Alexandra (Org.): *German abroad: Perspektiven der Variationslinguistik, Sprachkontakt- und Mehrsprachigkeitsforschung*. Viena: Vienna University Press bei V&R Unipress, 81-102.

Pupp Spinassé, K.; Käfer, M. L. (2017). A conscientização linguística e a didática do multilinguismo em contextos de contato português-Hunsrückisch. *Revista Gragoatá*, Niterói, v. 22, n. 42, 393-415.

Rambo, A. B. (1994). *A escola comunitária teuto-brasileira católica*. São Leopoldo: Ed. UNISINOS.

Schappelle, B. F. (1917). *The German Element in Brazil – Colonies and Dialect*. Philadelphia: Americana Germanica Press. Disponível em <<http://archive.org/stream/thegermanelement17361gut/17361.txt>> - último acesso em 07 de janeiro de 2018.

Skutnabb-Kangas, T. (1988). Multilingualism and the education of minority children. In: Skutnabb-Kangas, T.; Cummins, J. (Org.): *Minority Education: From Shame to Struggle*. Avon, UK: Multilingual Matters, 9-44.

Willems, E. (1980). *A aculturação dos alemães no Brasil: estudo antropológico dos imigrantes alemães e seus descendentes no Brasil*. 2ª. ed., ilustrada, rev. e ampliada. São Paulo: Editora Nacional.

Ziegler, A. (1996). *Deutsche Sprache in Brasilien: Untersuchungen zum Sprachwandel und zum Sprachgebrauch der deutschstämmigen Brasilianer in Rio Grande do Sul*. Essen: Die Blaue Eule.